

REFLEXÕES SOBRE A NECESSIDADE DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nilma Moreira da Penha¹

RESUMO

O presente artigo, objetiva trazer reflexões sobre a necessidade da inteligência espiritual em tempos de pandemia. Tecendo algumas ponderações ao tratar sobre o problema que assola a sociedade atual: o vazio existencial e o anseio pela felicidade em tempos de crise e pandemia. Nesta tarefa, buscamos, principalmente, encontrar meios para que a inteligência espiritual e a tão sonhada felicidade seja foco de uma vida humana mais plena. Nesta incursão bibliográfica este artigo busca se embasar a respeito do tema no meio sociológico, filosófico e teológico com o intuito de se engendrar de argumentos necessários para poder se posicionar diante do tema que diz respeito à necessidade da inteligência espiritual. Desde o princípio, o ser humano se pergunta: “Quem sou? Quais são minhas possibilidades? O que posso fazer? O que posso criar? O que posso transformar?”. Com o passar dos anos, o homem tem acumulado certa sabedoria, sabedoria essa passada de geração em geração. Mas, como passar uma sabedoria referente a algo que ainda não vivenciou? Sendo o caso da pandemia mundial que é algo novo que está sendo vivenciado por muitos pela primeira vez. Diante dessas indagações, defendemos o pressuposto que a inteligência espiritual é uma esperança para passarmos pela crise da melhor forma possível e termos uma melhor compreensão da vida e do mundo ao nosso entorno, daí a importância de refletirmos sobre *A necessidade da inteligência espiritual em tempos de pandemia*.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Espiritual; Existência; Sabedoria; Felicidade; Pandemia.

ABSTRACT

This article aims to bring reflections on the need for spiritual intelligence in times of pandemic. Weaving some considerations when dealing with the problem that plagues today's society: the existential void and the yearning for happiness in times of crisis and pandemic. In this task, we seek, mainly, to find ways for spiritual intelligence and the longed-for happiness to be the focus of a fuller human life. In this bibliographical incursion this article seeks to base itself on the theme in the sociological, philosophical and theological milieu in order to generate the necessary arguments to be able to position itself in relation to the theme that concerns the need for spiritual intelligence. From the beginning, the human being asks himself: “Who am I? What are my possibilities? What can I do? What can I create? What can I transform? ”. Over the years, man has accumulated a certain wisdom, wisdom that passed from generation to generation. But, how to pass a wisdom regarding something that you have not yet

¹ Mestre em Educação, formada em Filosofia e em Pedagogia, com especialização em Teologia e Ensino Religioso e em Libras (Língua Brasileira de Sinais).
E-mail: nilma.filosofia@gmail.com

experienced? Being the case of the world pandemic, which is something new that is being experienced by many for the first time. In view of these questions, we defend the assumption that spiritual intelligence is a hope for us to go through the crisis in the best possible way and have a better understanding of life and the world around us, hence the importance of reflecting on The need for spiritual intelligence in times of pandemic.

KEYWORDS: Spiritual Intelligence; Existence; Wisdom; Happiness; Pandemic.

INTRODUÇÃO

"As ações de um homem são os melhores intérpretes de seus pensamentos" (John Locke).

Quando falamos a respeito da inteligência espiritual, o que vêm a sua mente? Talvez tenha pensado em algo voltado para uma religião, mas venho te propor uma reflexão sobre esse assunto tão relevante e tão pouco debatido. Talvez você esteja se questionando ou questionando ao texto, relevante por quê?

Então vamos lá, primeiramente abro o texto com um pensamento de Locke que diz que as ações de um homem são os interpretes de seus pensamentos, isso porque nossos pensamentos dizem muito de quem somos. Não pensamos por pensar, nossos pensamentos revelam nossas subjetividades e o nosso eu.

Através de muitos questionamentos, de tempos em tempos, vamos “desconfiando” da existência de algo adiante do que costumamos perceber com as nossas inclinações. O homem também almeja respostas para a sua própria vida.

Essa procura por uma sabedoria de vida existe em todos os povos e em muitas gerações. E também está presente nas religiões do mundo inteiro. É um tipo de legado que os mais experientes transmitem, mas, quais as novas gerações acrescentam sua colaboração. A contribuição dos antigos costuma ter muito valor, isto porque, monta a história da procura que vai descobrindo e formulando o jeito de ser de cada conjunto de habitantes de um determinado lugar e de sua explicação para os mistérios da vida.

Todos os povos buscam e sempre buscaram a sabedoria para viver melhor. Nessa busca, costuma descobrir, cada um a seu jeito, que Deus é a grande fonte da sabedoria, e cada um com seus deuses e Deus tentam encontrar a paz e a felicidade. Cada religião e cada etnia têm seu jeito de responder às muitas perguntas que sempre inquietaram o ser humano.

Diante de toda esta procura por um sentido de existência, vários se deslumbraram pelo poder. Entenderam que dominando ou possuindo algo de “valor” estaria

encontrando uma forma de se “encontrar” no mundo. Entendendo que “ter” seria o “ser”.

As pessoas procuram felicidade em bens materiais e em status social e não encontram mais um sentido para a sua existência. É uma verdadeira caminhada para o nada daí a importância desse artigo que nos traz uma reflexão sobre a necessidade da inteligência espiritual, ainda mais em tempos de crise e pandemia.

1 A NECESSIDADE DA INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL

De acordo com os especialistas da área comportamentalista a inteligência espiritual tem um dever fundamental no equilíbrio emocional. Para Wolman, professor de Harvard, a inteligência espiritual é a

capacidade humana de fazer as perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre nós e o mundo em que vivemos. (WOLMAN, 2001, p. 15).

Durante muito tempo de nossas vidas passamos por ela sem perceber que estamos vivendo o que estamos vivendo e isso porque caímos na rotina, na monotonia. No ano de 2020² passamos a vivenciar um novo normal dentro do contexto em que estamos vivendo, onde passamos a ocupar mais o nosso tempo com a gente mesmo.

Muitos provavelmente tenham, seguindo o raciocínio de Wolman (2001), ao estarem mais consigo mesmas, a capacidade de se fazerem perguntas fundamentais sobre o significado da vida ao mesmo tempo passaram a observar o mundo ao seu

² Quando cito o ano de 2020 e cito esse novo normal estou me referindo ao que a Pandemia causada pelo COVID-19 gerou na humanidade. Onde por recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) os países deveriam decretar o isolamento social, por causa do alto índice de transmissão do vírus. Resumindo: “A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

Foram confirmados no mundo 35.659.007 casos de COVID-19 (271.421 novos em relação ao dia anterior) e 1.044.269 mortes (4.427 novas em relação ao dia anterior) até 7 de outubro de 2020.

Na Região das Américas, 11.239.876 pessoas que foram infectadas pelo novo coronavírus se recuperaram, conforme dados de 7 de outubro de 2020.

Os sintomas mais comuns da COVID-19 são febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente.

Medidas de proteção: lavar as mãos frequentemente com água e sabão ou álcool em gel e cobrir a boca com o antebraço quando tossir ou espirrar (ou utilize um lenço descartável e, após tossir/espirrar, jogue-o no lixo e lave as mãos). É importante manter-se a pelo menos 1 metro de distância das outras pessoas. Quando o distanciamento físico não é possível, o uso de uma máscara também é uma medida importante. Fonte: <https://www.paho.org/pt/covid19> (disponível em: 08 out. 2020).

entorno e o fato de não poderem se relacionar, muitas vezes, somente virtualmente passou a valorizar mais os encontros presenciais.

Dentro do contexto da inteligência espiritual, outros especialistas no assunto definem como: *"a inteligência com que abordamos e solucionamos problemas de sentido e de valor"* (ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 18). Diante destas afirmações, a inteligência espiritual, consente ao indivíduo o encontro com um propósito direcionado a um sentido de vida. Em resumo, e seguindo Zohar e Marshall:

A inteligência espiritual unifica, integra e reveste-se do potencial de transformar o material surgido dos outros dois processos: razão e emoção. Ela fornece um centro de crescimento e transformação, dá ao eu, um centro ativo, unificado, gerador de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 21).

Ao estar mais em contato consigo mesmo esse ser tem a oportunidade de amadurecer a razão e a emoção ao voltar-se para si mesmo, gerando sentido para sua vida e desenvolvendo a inteligência espiritual, para Diógenes citado por Reale:

Busco o homem que vive segundo sua mais autêntica essência; busco o homem que, para além de toda exterioridade, de todas as convenções da sociedade e do próprio capricho da sorte e da fortuna, sabe reencontrar sua genuína natureza, sabe viver conforme essa natureza e, assim, sabe ser feliz (REALE; ANTISERI, 2003, p. 253, 254).

Com estas afirmações a inteligência espiritual pode ser delimitada de duas formas: Primeiro como a forma de existir por um grupo de habilidades e capacidades. Reunidas à espiritualidade e às diferentes individualidades dessas habilidades e capacidades. Ambas verificadas pela subjetividade do sujeito.

Em segundo, a inteligência espiritual fundamenta-se num conjunto de atribuições que se ajustam a uma nova disposição do conhecimento do homem, o que evidencia processo cognitivo.

2 INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E A ESFERA PSICOLÓGICA E EMOCIONAL

Para Wolman, qualquer prática que visa estudar a espiritualidade deve distinguir também, a esfera psicológica e emocional das pessoas que se está sendo investigada:

A espiritualidade pode ser considerada como abrangendo a religião ou a religiosidade (...), tem a ver com a atitude e a postura de uma pessoa diante do mundo exterior, o mundo da organização social, e com a visão que ela possui de passado, presente e futuro (WOLMAN, 2001, p. 163).

Através de um estudo dirigido, Wolman (2001) deparou-se com sete elementos que procedem da espiritualidade, o qual designou: comunidade, diligência, divindade, espiritualidade na infância, intelectualidade, percepção extra-sensorial e trauma.

Os mesmos não devem ser entendidos de maneira isolada, mas, os seus resultados destacam-se individualmente de forma particular. Uma consequência alta ou baixa, nesses diferentes elementos, é apenas uma das muitas formas de submeter à espiritualidade ou de deixá-las influenciarem a forma de espiritualidade de uma pessoa.

O elemento comunidade é definido pelo interesse pelas necessidades dos outros. É baseado na compaixão que *“implica ter consciência das necessidades e preocupações dos outros, e atender a essas necessidades torna-se um ato moral”* (WOLMAN, 2001, p. 244).

O elemento diligência significa o cuidado consciente de práticas e atitudes que desenvolvam a qualidade de vida por intermédio do melhoramento da saúde psicológica e física.

O elemento divindade aponta para os modos de vida habitualmente unidos à espiritualidade. Insere uma compreensão de algum tipo de Fonte de Energia Divina, Inteligência Transcendental, Força Superior ou Deus, englobando crenças e práticas tradicionais.

O elemento espiritualidade na Infância pressupõe-se a experiência com as idéias espirituais que foram adquiridas na infância. No seio da família, em apresentações teatrais, filmes ou palestras sobre temas religiosos. As experiências sugerem a presença ou a ausência de ritual na vida das pessoas. E podem ser negativas ou positivas.

O elemento intelectualidade implica a uma força relacionada ao diálogo, pensamento e compreensão em relação a preocupações e problemas indispensáveis. Este elemento demonstra o nível em que a pessoa conversa, pensa, estuda e reflete com os outros sobre opiniões sagradas e espirituais, bem como buscar entender e verificar minuciosamente a esfera da investigação na vida de cada indivíduo e como é possível utilizar essa habilidade em áreas específicas da atividade espiritual.

O elemento intelectualidade manifesta a energia aplicada a questionar o valor da vida, as razões teóricas possíveis para a existência do mal no mundo e a essência do existir. Pode ainda, elevar uma dilatação de consciência, proporcionando um entendimento balanceado, racional e objetivo a questões dolorosas e polêmicas.

O elemento percepção extra-sensorial reproduz *“(...) modos alternativos de conhecer o próprio eu e sua relação com o mundo”* (WOLMAN, 2001, p. 225).

Neste elemento encontramos: decisões apoiadas na intuição, ligações sensíveis como uma divindade, acontecimentos psíquicos considerados paranormais e o tão conhecido “sexto sentido”. O autor reforça que:

(...) a mente não é possível sem o apoio da fisiologia do cérebro, mas as duas não são sinônimos (...) a mente em geral é usada como sinônimo de alma, essa força vital misteriosa e elusiva que constitui a essência de sermos humanos (WOLMAN, 2001, p. 231).

O elemento Trauma refere a experiências e crises sofridas da vida, resultando constantemente como uma excitação à espiritualidade. Por causa dessas experiências e crises. Ocasões traumáticas, principalmente na infância, podem originar consequências profundas.

Diante destas ocorrências, podemos mencionar comprometimento do nível emocional (carência ou mesmo ausência de afeto, consideração, amor, agressividade, maus tratos físicos ou psicológicos), testemunho ou experiência de doença física ou emocional em si mesmo ou em outros e perda de entes queridos.

Ainda há a possibilidade de apresentar um conjunto de valores que não anuncia alternativa espiritual para as pessoas que almejam conforto. Nos estudos de Wolman (2001), indivíduos com experiências traumáticas significativas falaram de uma sensação da proximidade de Deus, pois, na tentativa de obter esperança e acolhimento manifestaram uma busca de fontes de energia.

Em outras palavras, pessoas que passaram por grandes sofrimentos, sentem que há um significado, acreditam em um forte vínculo com as relações espirituais mais amplas e com o divino. É possível perceber aqui o inter-relacionamento ativo entre os elementos, nesse caso especificamente, com o elemento divindade.

Quando nos voltamos para a questão da pandemia provocada pelo Covid-19, vemos esse elemento divindade sendo mais frequente na vida das pessoas, sejam eles: Deus, família, amigos, trabalho dentre outros fatores divinos ou nobres que passaram a ser ressignificados no decorrer da pandemia, nos fazendo ver reportagens como: “A pandemia faz ressignificar novos sentidos e provoca a solidariedade”³ ou “É tempo de ressignificar a vida”, diz professor sobre crise do coronavírus Doutor em Psicologia,

³ Fonte: Jornal Estado de Minas/ saúde- Reportagem disponível em: < https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/04/26/interna_bem_viver,1141300/a-pandemia-faz-ressignificar-novos-sentidos-e-provoca-a-solidariedade.shtml > 08 out.2020.

Gillianno Mazzetto acredita que clima de terror criado pelo vírus vai causar sofrimento mesmo após a crise⁴.

Lembrando os ensinamentos de Leonardo Boff (2003), devemos cuidar de modo a defender que o universo é constituído por uma grande estrutura de relações, em que cada um vive pelo outro, para o outro e com outro.

Mais, ainda, diz Boff (2003), que o homem é um nó de relações voltado para todas as direções, acrescentando que a própria divindade se revela como uma “realidade” de plena comunhão e amor, mesmo diante da pandemia.

O Filósofo Baruch Spinoza faz uma crítica a respeito da experiência individual e intersubjetiva como uma experiência calamitosa. Para Spinoza, o sentimento de perder um bem, outrora muito desejado, nos consome. Pois, põe os homens em competição e os aliena porque imaginam a felicidade acumulada em coisas que precisam ser possuídas com exclusividade.

Segundo Spinoza, citado por Chauí (2001) salienta que esta perda trágica e incessante provoca a impossibilidade da realização do desejo de felicidade, e, também a liberdade. Porque os homens se lançam em uma guerra sem limites para poder adquirir os objetos que nos quais depositaram a sua esperança. Baruch Spinoza, ainda citado por Chauí:

A felicidade e a Infelicidade dependem da qualidade do ser ao qual nos unimos por amor, porque há entre o desejar e o desejado um vínculo intrínseco. Amando coisas perecíveis e cuja posse exclui os demais, a felicidade será perecível e ameaçada pelo desejo de outrem. A felicidade é desejar um bem imperecível que, sendo capaz de "comunicar-se igualmente a todos" e de ser por todos compartilhado, permite o exercício da liberdade (CHAUI, 2001, p. 38).

Percebemos assim que a felicidade e a infelicidade dependem muitas vezes de nós e das escolhas que fazemos e, muitas dessas escolhas que levam a infelicidade, são tomadas por nos faltar inteligência espiritual, pois falta amor-próprio, até porque há entre o desejado e o indesejado esse vínculo intrínseco.

Sendo a máxima suprema socrática o amor a si mesmo ponto fundamental de uma vida mais feliz, ou seja, a inteligência espiritual está intimamente relacionada com a esfera psicológica e emocional.

3 O “TER” SUBSTITUINDO O VAZIO DO “SER”

⁴ Fonte: Campo Grande News. Reportagem disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/faz-bem/e-tempo-de-ressignificar-a-vida-diz-professor-sobre-crise-do-coronavirus> > 08 out.2020.

"Precisamos de muito pouca coisa: Só uns dos outros"
(Carlito Maia).

Nas sociedades capitalistas pós-modernas, a busca por enriquecimento material transformou-se no objetivo do homem, em vez do homem ser o objetivo maior que a matéria. O ser humano neste processo de alienação interrompe o contato com seu eu verdadeiro, com sua individualidade. Modificando-se em simples mercadoria, sendo obrigado a procurar sucesso no “deus mercado”: sucesso profissional, intelectual, esportivo, social, financeiro, sexual, político. Pontua Cotrim (2000).

É muito casual escutarmos as frases: “*o mercado está calmo!*” ou “*o mercado está agitado!*”. Na verdade, temos agido de acordo com o “temperamento” do mercado, que por sua vez é sempre inconstante.

Para Arendt, foi à falta de relacionamento humano e a preocupação exagerada em adquirir produtos que culminou com a desumanização e autoalienação da sociedade comercial que, exclui os homens enquanto homens individualizados.

(...) os homens não entram em contato uns com os outros, fundamentalmente como pessoas, mas como fabricantes de produtos, e o que nele exibem não são suas individualidades, nem mesmo suas aptidões e qualidades, como na produção conspícua da Idade Média, mas seus produtos (ARENDDT, 2005, p.221).

Arendt ainda exemplifica dizendo que o homem parece haver perdido a noção de valorização de bens materiais e ter confundido com a ideia de natureza biológica do homem que continua a crescer dentro dele.

O autor ainda menciona que:

Em nossa necessidade de substituir cada vez mais depressa as coisas mundanas que nos rodeiam já não podemos nos dar ao luxo de usá-las, de respeitar e preservar sua inerente durabilidade; temos que consumir devorar, por assim dizer, nossas casas, nossos móveis, nossos carros, como se estes fossem as boas coisas da natureza que se deteriorariam se não fossem logo trazidas para o ciclo infindável do metabolismo do homem com a natureza (ARENDDT, 2005, p.138).

Consumir, consumir e cada vez mais consumir é o que nos dita o poderoso onipresente “deus mercado”. É um verdadeiro “culto cheio de religiosidades, credences e fanatismos”. Somos provocados o tempo todo. Nos meios de comunicação, nas ruas, na roda de amigos, entre outros.

Estamos sendo doutrinados pelo mercado e, por conseguinte, parece que temos uma fé nele 10 vezes maior que o tamanho de um grão de mostarda. É um “deus” que exige ser glorificado, e para isso, torna obrigatório a adoração e o consumo da “deusa mercadoria”, sua querida “filha”. Fromm (1984) vai dizer que as pessoas começaram a servir os seus desejos e as consequências dos mesmos, servindo-os e até os adorando:

Se sente como um estranho. Poder-se-ia dizer que a pessoa se alienou de si mesma. Não sente como centro de seu mundo, como criadora de seus próprios atos, tendo sido os seus atos e as consequências destes transformados em seus senhores, aos quais obedece e aos quais quicá até adore. A pessoa alienada não tem contato consigo mesma, e também não o tem com nenhuma outra pessoa. Percebe a si e aos demais como são percebidas as coisas: com os sentidos e com o senso comum, mas, ao mesmo tempo, sem relacionar-se produtivamente consigo mesma e com o mundo exterior (FROMM, 1984, p. 115).

Nesta compreensão, os indivíduos alienados no capitalismo passam a ser uma manifestação das relações de produção e consumo de mercadorias. E podemos observar que durante muito tempo a humanidade em sua maioria tem vivido assim. Vivido nessas circunstâncias até serem surpreendidas pela pandemia do Covid-19, onde o mundo foi forçado a parar.

Com o procedimento de vendas de mercadorias e o caráter burocrático que envolve as relações sociais, os indivíduos estavam sendo educados e adaptados pela ação do capital e do Estado.

Com isso, esta sociedade estava, e, ainda está condenada a viver de acordo com a influência do marketing, formando assim, o caráter do ser humano desta sociedade. Nesse fim, Fromm (1964) expõe: *“nosso caráter é engrenado para trocar e receber, para transacionar e consumir: tudo, os objetos espirituais como os materiais, torna-se objeto de troca e de consumo”* (1964, p. 88).

Influenciados por esta instrução mercantil alienante, os cidadãos procuram um tipo de sucesso que depende do mercado em que a pessoa quer “vender” sua personalidade. O ser humano não mais se identifica com o que ele é, sabe ou faz. Para ele, não interessa a sua realização íntima e pessoal, mas apenas o sucesso em vender socialmente suas qualidades.

Fromm (1987) vai expor que a existência do homem moderno avança em direção ao “ter” em prejuízo ao “ser”. O autor alerta que:

As pessoas são transformadas em coisas; suas relações umas com as outras assumem o caráter de propriedade [...] Mas a questão essencial não é tanto o que seja o conteúdo do eu, senão que o eu seja sentido como uma coisa que cada um possui, e que essa “coisa” seja à base de nosso sentido de identidade (Fromm, 1987, p. 82).

Para os indivíduos que consomem alienadamente, comprar a coleção de vestuários recém-lançada, as inovações da informática, os eletrônicos de última geração e o mais novo modelo de automóvel representa a elevação do “ter” para substituir o vazio do “ser”⁵.

⁵ Um estudo realizado pela Sociedade Brasileira de Varejo e Consumo (SBVC) mostrou que os brasileiros aumentaram suas compras online, passaram a usar meios digitais de pagamentos e devem continuar com

Como podemos verificar nas afirmações de Cotrim (2000). Ele ainda diz: “Essa desesperada neofilia (amor obsessivo pelas novidades) afeta praticamente todas as relações de que o homem é capaz com o mundo exterior” (COTRIM, 2000, p.34).

Reforçando a posição de Cotrim, temos Lorenz pontuando que:

Para as pessoas contaminadas por essa doença cultural, um par de sapatos, uma roupa, um carro perdem o encanto com pouco tempo de uso, exatamente como a pessoa amada, o amigo ou até mesmo a pátria (LORENZ, 1973, p.60).

Na verdade, a correria do dia a dia não nos deixa perceber se o que já temos já não é suficiente para preencher o vazio de nossas vidas. Isto porque, *“o homem não é uma coisa; é um ser vivo envolvido num processo contínuo de desenvolvimento. Em cada ponto de sua vida, ele ainda não é o que pode ser e o que ainda pode vir a ser”* (FROMM, 1986, p. 138).

A preocupação é excessiva em tanto “ter”. Preciso possuir isso, possuir aquilo, ser proprietário de algo, usufruir daquilo, apresentar-me assim, manter status, dispor de domínios, exercer determinado cargo ou posição, gozar de certo privilégio, ser bem-sucedido nisto, entre outros. O tempo passa e quando percebemos, esquecemo-nos do mais importante: Ser feliz e viver com plena felicidade.

Horkheimer afirmou que “quanto mais intensa é a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão e mais lhe faltarão os traços individuais genuínos” (HORKHEIMER, 1976, p. 141).

Conforme as palavras de Cotrim (2000), fugir dessas ideias do “deus mercado”, não é uma tarefa a ser resolvida apenas com a mudança de consciência e pela vontade individual. É necessário, ainda, transformar os valores dominantes em toda a sociedade.

O processo de alienação também acarreta problemas na utilização do tempo livre das pessoas que é decidido para o lazer. Conforme nos salienta Cotrim (2000), o consumidor alienado compra seu lazer do mesmo jeito que compra seu perfume.

Obtêm seu lazer manipulado por outros que querem seu dinheiro. Comportando-se assim, acaba fingindo que está se divertindo ou acha que está se divertindo.

Pedro (2006) apresenta as palavras de Charles Chaplin, que trabalha bem esta questão de se valorizar em primeiro lugar o “ser”:

esses hábitos de compra e consumo no pós-pandemia. Segundo os dados, 61% dos clientes que compraram online durante a quarentena aumentaram o volume de compras devido ao isolamento social.- Veja mais em <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/18/habito-de-consumo-adquirido-na-pandemia-deve-permanecer-apos-covid-19.htm>> 08 out.2020.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém desviamos-nos dele. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da produção veloz, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz em grande escala, tem provocado a escassez. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade; Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura! Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido (PEDRO, 2006, p. 87,88).

Devido a cobiça a humanidade contraiu o ódio por não ter aquilo que gostaria de ter. Com pandemia que assolou a humanidade no ano de 2020 temos percebido que começamos a valorizar mais o ser do que o ter e, isso pode ser visto nos inúmeros artigos publicados em jornais e revistas, conforme citei no decorrer deste artigo. Sendo que, quando falamos de inteligência espiritual estamos falando do conhecer-te a ti mesmo.

O grande problema nisso tudo é que, ao meio do “ser” e “ter”, existe o aparente. Na sociedade, muitos querem viver de aparência. Querem “ser” o que não são e “ter” o que não tem. Possuindo o carro possante ou morando em lugares luxuosos serei aquilo que almejo “ser”. Pois, para a sociedade mostrarei que sou alguém por ter algo que me torna importante para “ser”.

Um dos problemas mais rotineiros que penetra o Espírito é o complexo estabelecimento de uma comparação harmoniosa entre o “ter” e o “ser”. Em diversos momentos da história da Humanidade propuseram-se e dialogaram-se com as proposições a respeito da propriedade dos bens da terra, á moralidade perante as leis de Deus e o que seria necessário para o homem.

O “ser” é mais feliz do que o “ter”, pois a felicidade do “ser” é duradoura e do “ter” é passageira. O “ser” é o alicerce do indivíduo. É onde se explica o tipo de pessoa que é. É onde identificamos qual a origem de sua educação seja informal ou social. É o espelho que revela a consciência individual de cada um.

O “ter” é tudo aquilo que associamos a nós, sejam bens materiais, intelectuais, científicos ou culturais. É tudo aquilo que acreditamos como positivo para a nossa vida. O ter é o que nós não tínhamos e acreditamos possuir. E, por conseguinte, achamos que “ter” é “ser”.

Os indivíduos precisam parar de almejar o “ter” e passar a querer o “ser”. Devemos ser amados, ser amorosos, ser pacientes, ser cheios de vida, enfim, sermos realmente humanos.

Este quadro tem que ser revertido através da educação, estruturando-se uma consciência de “ser”, antes de “ter”. Conforme já foi dito anteriormente o “ser” é mais importante que o “ter”. O que se tem que fazer é instaurar uma harmonia entre essas duas condições existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Sei que o meu trabalho é uma gota no oceano, mas sem ele, o oceano seria menor" (Madre Teresa de Calcutá).

Ao apresentar as referências consultadas para este estudo, julga-se recorrente o fato de indicá-la por suas recomendações para novas leituras, justamente pela relevância temática a que se reporta.

Concordamos que a humanidade necessita encontrar um sentido para a sua própria vida. Para preencher este vazio, o indivíduo deve fazer evoluir a inteligência espiritual, pois, para encontrar o tão almejado sentido, o ser humano necessita de equilíbrio emocional, paz interior e alegria.

Diante disto, deve procurar passar pelos obstáculos existenciais que aparecem em momentos de tristeza, de rompimentos e de derrotas. Pois, se o ser humano souber conviver intimamente com o seu Espírito surgirá uma Humanidade com o objetivo de construir um mundo em paz.

E, assim, neste desfecho, considera-se que o presente artigo não se pretendeu apontar como esgotada a temática, até porque o objetivo desta era nos fazer refletir sobre esse tema tão importante que é a inteligência espiritual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

ARRUDA, José Jobson de Andrade ; PILETTI, Nelson. **Toda a história**: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática, 1997.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper & How do Brasil, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. **Tornar-se civilizado**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1990.

BITTAR, Eduardo. **Curso de filosofia do direito**. São Paulo: Atlas, 2005.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - paixão pela terra.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Basiliense, 1995.

CHAUI, Marilena. **Espinosa - uma filosofia da liberdade.** São Paulo: Moderna, 1995.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia.** São Paulo: Saraiva, 2000.

DENNETT, Daniel. **Quebrando o encanto - a religião como fenômeno natural.** Tradução Helena Londres. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FROMM, Erich. **A arte de amar.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

_____. **A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada.** Trad. Edmond Jorge. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. **Análise do homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Do amor à vida.** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. **Psicanálise da sociedade contemporânea.** São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

_____. **Ter ou ser?** Rio de Janeiro: LTC, 1987.

GOLEMANN, Daniel. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: objetiva, 1996.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão.** Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** 5° ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Sobre a pedagogia.** Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

LORENZ, Konrad. **Civilização e pecado.** São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

OTTO, Rudolf. **O sagrado.** São Paulo: Edições 70, 1992.

PEDRO, Waldir. **Em busca da transformação: a filosofia pode mudar sua vida.** Rio de Janeiro: WAK Ed., 2006.

RABELLO, Maria do Carmo. **Inteligência espiritual.** São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia, vol. 1: Filosofia pagã antiga.** São Paulo: Paulus, 2003.

SATIRO, Angélica; WUENSCH, Ana Miriam. **Pensando melhor**: Iniciação ao Filosofar. São Paulo: Saraiva, 2003.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2008.

WOLMAN, Richard. **Inteligência espiritual**. São Paulo: Ediouro, 2001.

ZOHAR, Danah ; Ian. MARSHALL. **Inteligência espiritual**. Rio de Janeiro: Record, 2000.